

Imagens mostram a cara da gente do morro

Rostos clicados por fotógrafo francês na Providência são de mulheres da comunidade:



Flávia Salme
flavia.salme@odianet.com.br

■ Fim do mistério: os closes de rostos e olhos estampados em casas do Morro da Providência, na face voltada para a Gamboa, são homenagens às mulheres do lugar, muitas marcadas pela violência. Entre os destaques, Benedita Florência Monteiro, 78 anos, avó de David da Silva, 24, um dos três jovens mortos por traficantes após serem entregues por militares do Exército. A exposição do fotógrafo francês JR será concluída até segunda-feira, com painéis em 30 casas e mais de 100 fotos na favela.

O trabalho brasileiro ganhou nome de '28 milímetros' e faz parte do projeto 'Women' (mulheres, em inglês), já realizado em cidades israelenses, palestinas e africanas. "O objetivo é destacar o papel central que as mulheres desempenham na sociedade", explica JR em site sobre a intervenção. Atividade de áreas em conflito social ou em guerra, JR escolheu o Rio por suas particularidades. "As histórias das mulheres nas favelas se encontram por causa da violência, seja a perda de filho, parente ou amigo", justifica.

'O objetivo é destacar o papel central que



Nas fotos menores, os closes de mulheres moradoras da Providência que, com técnica de instalação de outdoors, foram parar na fachada das

SEVERINO SILVA/27/6/2008

te do grupo. Segundo a trupe, foi preciso buscar abrigo depois que a polícia efetuou disparos contra suposto traficante armado que passava próximo aos fotógrafos. Em outra ocasião, a equipe afirma ter sido abordada por policiais que quiseram saber o que faziam na favela.

Depois de concluir a colagem nas casas, feita com técnica nascida à do su-



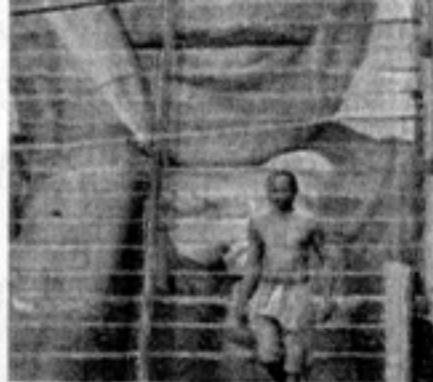
desempenham na sociedade'

Para chegar ao Brasil, e às vielas da Providência, ele contou com um apoio essencial: Maurício Hora, fotógrafo e morador da favela. Os dois se conheceram nas comemorações do Ano do Brasil na França, em 2005, quando o carioca expôs fotos de sua comunidade em Paris.

“Achei interessante a intervenção que ele faz. Eu levei imagens da favela para o mundo. Ele fez o caminho inverso, tirou fotos de moradores para mostrar para a própria comunidade”, avalia Maurício. “Ficou muito bonito, podia ter mais”, comemorou uma moradora.

O francês contou com equipe de oito voluntários. Na favela, JR disse que não teve problemas com traficantes. “A regra é não fazer imagens deles ou dos pontos de venda de drogas”, contou, em entrevista ao jornal espanhol ‘El País’. Mas a violência não passou distan-

guir para Índia e Camboja. Ele já passou por Quênia, Sudão, Serra Leoa e Libéria e declarou que durante, o trabalho Face to Face (Cara a Cara), teria sido vítima de tentativa de seqüestro por terroristas do palestino Hamas, além de ameaças por parte da polícia palestina e do exército israelense. ■■



Benedita (de azul), avó de jovem morto com participação de militares, ilustra escadaria

VIAJANTE))) TRABALHO PARA DAR DIGNIDADE

PARA FRANCÊS, MULHERES SÃO EXPRESSÃO MÁXIMA DA DISCRIMINAÇÃO

■ No Rio de Janeiro, o fotógrafo JR diz ter sido atraído pela dor compartilhada por mulheres que perdem filhos e parentes e que sofrem cotidianamente repressão arbitrária.

Em países como Quênia, Sudão, Serra Leoa e Libéria, no continente africano, o ativista foi atrás de vítimas de conflitos armados. “Elas são a expressão mais extrema das discriminações, das quais elas são vítimas até em tempos de paz”, afirmou no site

www.28millimetres.com. Na África, o francês buscou imagens que retratassem a “força, a coragem e a luta dessas mulheres, que primei-

Fotógrafo se autointitula ‘ativista’: mistura de artista com ativista social

ro sobrevivem para depois existirem”.

Além de buscar garantir dignidade às vítimas, o fotógrafo também tenta recupe-

rar o espírito de aventura artística observando a reação das populações locais. Apesar de se denominar ‘ativista’, mistura de artista com ativista social, JR aceita trabalhos comerciais e chega a cobrar 25 mil euros (R\$ 60 mil) por suas imagens. O dinheiro, segundo ele, é usado nas viagens que faz pelo mundo todo.

O francês não limita seu trabalho a lugares em guerra ou conflitos sociais. Já levou sua arte para Bruxelas (Bélgica), Londres e Paris. “O pro-

jeto sensibiliza as populações europeias sobre a condição dessas mulheres e favorece a conexão, através da arte, de dois mundos muito distantes”, observa.

De bermuda, boné, óculos escuros e tênis, JR já se habituou à cultura carioca. Há um mês na cidade, já se sente um carioca: frequenta Santa Teresa e Lapa e conheceu grupos de hip hop. Ele ainda não domina o português, mas compreende o idioma que aprendeu pelas ruas da Providência.

